



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

SANREMO NARRA A HISTÓRIA ITALIANA

Luíza Dias da Silva

RIO DE JANEIRO

2023

Luíza Dias da Silva

# Sanremo narra a história italiana

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como  
requisito parcial para obtenção de graus de Licenciatura  
em Letras: Português-Italiano pela Faculdade de Letras  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Annita Gullo.

RIO DE JANEIRO

2023

### CIP - Catalogação na Publicação

SS86s Silva, Luíza Dias da  
Sanremo narra a história italiana / Luíza Dias da  
Silva. -- Rio de Janeiro, 2023.  
32 f.

Orientadora: Annita Gullo.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
Italiano, 2023.

1. Língua italiana. 2. Cultura. 3. Música. I.  
Gullo, Annita, orient. II. Título.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1. Festival della canzone italiana.....	6
1.1 Primeiros passos do Festival.....	8
1.2 Sanremo a Volare.....	9
1.3 Sanremo como evento televisivo.....	10
1.4 Palcos da Juventude.....	11
2. Compositores X intérpretes.....	13
2.1 Grandes intérpretes italianos (1951-1957).....	13
2.2 Anos dourados dos “cantautores” (1958-1970).....	14
2.3 Sanremo vitrine de artistas (1970-2016).....	15
2.4 Os jovens reconquistam Sanremo (2017-2022).....	16
3. Língua e cultura italiana nas canções de Sanremo.....	18
3.1 Primeiras canções (1951-1957).....	18
3.2 A revolução de Volare (1958-1970).....	21
3.3 Anos da televisão (1970-2014).....	23
3.4 A juventude reinvade Sanremo (2015-2022).....	26
4. Conclusão.....	30
5. Referencias.....	32

## INTRODUÇÃO

O *Festival della canzone italiana* (Festival da canção italiana), mais conhecido como *Festival di Sanremo* ou simplesmente como *Sanremo* surge em 1951, quando a Itália vivia a reconstrução nacional pós-guerra. O evento torna-se marco cultural ao valorizar composições em língua nacional, o italiano standard quando grande parte da população se comunicava quase exclusivamente por meio de dialetos. Portanto, o Festival surge como meio de divulgação linguística e cultural em um país que lidava com os problemas imediatos pós-segunda guerra e procurava reestruturar-se material, política, econômica e moralmente.

No ensaio “E l’italia cominciò a volare”, Leonardo Campus (2011) define bem a importância do festival musical mais longevo do mundo ao dizer “*Sanremo e le canzonette abbiano saputo in quegli anni raccontare il paese ed i suoi cambiamenti.*” (Sanremo e as suas canções souberam naqueles anos narrar o país e as suas mudanças). As transformações sociais referidas pelo autor ocorreram no intervalo entre 1951 e 1963, período de uma década entre a discreta estreia do Festival e os anos de grande crescimento econômico italiano (1958-1963). Este comentário motivou o presente trabalho que tem como objetivo estender o estudo de Campus (2015) sobre a história contemporânea de Sanremo por entender que as últimas décadas representaram a sociedade italiana diante da globalização e por ter dado espaço para demonstrações culturais de outras camadas populares. Assim ao estudar o Festival e sua importância é possível reconhecer que seu cancionário continua, portanto, narrando o país e suas mudanças ao longo das suas setenta e duas edições.

## 1. Festival della canzone italiana

O Festival di Sanremo nasce da ideia de Amilcare Rambaldi, comerciante de flores e partidário socialista, que em 1946 propôs a realização de um festival de canções anual com intuito de reativar a cidade de Sanremo cultural e economicamente. A proposta de Rambaldi é impossibilitada devido à, entre outras dificuldades, privatização da gestão do Casinò Municipale di Sanremo.

A ideia do festival vem reativada em 1951 pelo diretor do cassino de Sanremo, Pier Busseti. O espetáculo que surge timidamente na década de cinquenta se tornou nos últimos setenta anos uma forte máquina comercial do cenário musical italiano. *Sanremo* e suas canções souberam narrar a Itália e as transformações da sociedade italiana.

A primeira edição do *Festival della canzone italiana* aconteceu no salão de festas do *Casinò Municipale di Sanremo*, o público jantava enquanto os cantores se apresentavam. De acordo com Campus (2015), o público era escasso e foi necessário encontrar pessoas para preencher as mesas vazias do grande salão. O autor de “*NON SOLO CANZONETTE.*” destaca que a insuficiência de espectadores não era fruto de problemas econômicos, uma vez que £ 500 liras não representava um valor exorbitante para os frequentadores do cassino. Entretanto, os clientes usuais do local consideravam o evento musical como uma atividade de baixo nível cultural.

Na década de 1950 quando o *Festival di Sanremo* foi criado, a Itália era ainda um país pobre, rural no qual a agricultura representava 42% do setor produtivo. Segundo Giovanni Genovesi (2004), em seu livro “*Storia della scuola in Italia dal Settecento ad oggi*”, a taxa de analfabetismo era de 12,9%, a língua italiana existia quase exclusivamente nos livros e na rádio, a maioria da população comunicava-se em dialeto. O catolicismo era parte fundamental da cultura italiana, as paróquias eram um dos principais centros de integração, os padres representavam figuras de referimento moral e social. A sociedade pautava-se na hierarquia composta por famílias de tipo patriarcal. Esse cenário muda completamente após o boom econômico vivido na Itália de 1958 a 1963, o que é perceptível ao analisar o *Sanremo* e seu cancionário.

Para a realização da primeira edição os organizadores do festival precisaram convencer as gravadoras a enviarem seus cantores, e somente quando começa a ser exibido pela emissora de radiotelevisão italiana (RAI) passa a atrair cada vez mais interessados. Em 1956, os seis participantes foram selecionados através do concurso “*Voci Nuove*” no qual mais de seis mil e quinhentos cantores se inscreveram. A primeira vitória foi de Nilla Pizzi, intérprete bolonhesa

que conquistou a todos com a canção *Grazie dei Fiori*. O Festival que atraía cada vez mais concorrentes passou a ser transmitido ao vivo na televisão em 1955.

Outra mudança relevante se dá na evolução das canções apresentadas no festival. A trilha sonora das primeiras edições do Festival era composta por músicas tristes, tradicionais tanto em relação ao texto quanto aos temas, reforçando os valores cristãos como mães lamentosas, amores intensos e celestiais ou rimas sem relação com a realidade. A ruptura ocorre somente em 1958, quando no palco de Sanremo foi entoada a melodia mais celebre da história musical italiana “*Nel blu dipinto di blu*”, mais conhecida no exterior como “*Volare*”. Mr. Volare, como a América rebatizou Domenico Modugno, cantava sua celebre canção com braços abertos e com sua melodia libertadora, otimista e energizante. A canção de Domenico Modugno precedeu o boom econômico italiano, tornando-se o hino do novo bem-estar e o ponto de ruptura musical para que o palco do festival recebesse a influência do rock e do swing.

A juventude e os ritmos modernos chegam ao palco do festival somente em 1961. Se na década de cinquenta o palco do festival foi dominado por canções tradicionais, a década de sessenta foi dominada pela geração revolucionária que levou a modernidade do *rock'n'roll* e das influências norte-americanas ao centro do espetáculo.

Entre os revolucionários da década de sessenta, é possível destacar o filho de Nilla Pizzi, Adriano Celentano, que introduziu modernidade do *rock'n'roll* com a canção *24000 baci*, e cantores como Mina, Little Tony inspirados em Elvis Presley.

O sucesso e crescimento dos anos sessenta não durou muito tempo porque nos anos setenta ficaram conhecidos na Itália como “*anni di piombo*” – Anos de Chumbo. Milhares de jovens estudantes e operários decidiram pegar em armas entre os anos de 1975 e 1985 para rebelar-se contra a injustiça. Os anos de Chumbo foram marcados por muitas greves, lutas políticas e crise social motivados por combates armados entre jovens que acreditavam na possibilidade da revolução socialista na Itália. O festival permanece por anos as sombras da cultura.

Em 1977 o Festival mudou a sede do *Casinò Municipale* para o Teatro Ariston e experimentou novas formas de se adaptar às mudanças sociais e mundiais, se abrindo para a música internacional. Celebres cantores estrangeiros foram convidados a subirem ao palco do Teatro Ariston. Como outra tentativa de adaptar-se à sociedade, nos anos oitenta, comediantes passaram a ser convidados para entreter o público do Festival.

Muitas mudanças ocorreram desde a primeira vitória de *Nilla Pizzi* em 1951 até a edição de 2022. Neste trabalho analisaremos as mudanças sociais e culturais da língua italiana a partir das setenta e duas edições do evento musical mais importante e longo da história italiana.

### **1.1 Primeiros passos do Festival**

A história dos festivais musicais na Itália data do final do século XIX. Anos antes de Sanremo se tornar palco do maior festival italiano, Roma e Nápoles haviam sediado projetos similares ao de Amilcare Rambaldi, voltados respectivamente para canções romanas e napolitanas. Mas o que teria tornado o *Festival di Sanremo* o mais longo da história? Segundo Leonardo Campus (2015) no livro “*Non solo canzonette*”, Sanremo se distingue dos festivais anteriores ao abdicar do tradicional regionalismo italiano, valorizando composições em língua nacional, língua standard.

A importância cultural do Festival se deve também ao apelo pelo *belcanto* italiano contra as influências modernas do continente americano (jazz, samba, rumba, tango, ritmos cubanos etc.) que não perdura sequer a primeira década.

Os cantores das primeiras edições do Festival interpretavam diversas canções na mesma montagem, o que torna comum que um mesmo artista apareça mais de uma vez no pódio. O primeiro quinquênio foi marcado por rara diversidade. Os vencedores contavam com compositores masculinos, de origem alta burguesa originários do norte italiano, especialmente a região da Lombardia, ou cidades tradicionalmente ligadas ao cancionário popular como Roma e Nápoles.

Em 1951, Nilla Pizzi é a grande vencedora do Festival com a canção “*Grazie dei fiori*”, uma triste e sofisticada canção de amor definida como um *beguine*, dança de salão semelhante a rumba com base em uma dança de Martinica e Santa Lúcia. A canção melancólica vendeu 36.000 exemplares e trata-se de uma composição de Saverio Seracini com o texto escrito por Mario Panzeri e Gian Carlo Testoni.

A segunda edição foi marcada pela retórica e pelo patriotismo o que Campus (2015) afirma ser fruto de uma orientação da emissora radiofônica RAI. A tríade moral Deus-pátria-família conduz a noite representando a sociedade italiana da década de cinquenta e os valores a serem restabelecidos no pós-guerra. A canção vencedora encarna a vertente religiosa em forma de uma oração de apaixonados que afastados por conflitos pátrios recorrem a Deus. Nilla se consagra novamente como a grande vencedora da noite com “*Vola Colomba*”.



Em 1953, o Festival de Sanremo ganha configurações de um verdadeiro evento musical ocupando as noites mais importantes da programação radiofônica. Aumenta o número de jurados, sorteados entre os espectadores e inova também incorporando votos remotos dispersos por toda a Itália. A participação de um júri remoto permitiu identificar como as diferentes regiões italianas reagem às canções apresentadas. O Norte italiano valorizava mais textos de caráter patriótico, enquanto as regiões ao Centro e ao Sul votavam com maior ênfase em canções sentimentais e decidiam o festival.

Essa foi a primeira vez na história do festival que a bolonhesa Nilla Pizzi não seria o grande destaque da noite. As grandes vitoriosas da edição foram Carla Boni e Flo Sandon's interpretando "Viale d'autunno".

Em 1954, o *Festival di Sanremo* atinge *status* de um evento nacional. A quarta edição é marcada pela primeira vitória masculina, a dupla Giorgio Consolini e Gino Latilla conquistam o Casinò com a homenagem as mães, "Tutte le mamme".

A edição de 1955 foi a primeira a ser exibida pela televisão. Propôs-se a abrir espaço a novos cantores, não contando com a presença de nenhum vencedor anterior. A vitória fica para "Buongiorno tristezza" de Giuseppe Fiorelli e Mario Ruccione interpretado pela dupla Claudio Villa e Tullio Pane.

Os primeiros ares de mudança surgem na sexta edição do festival em 1956 com a vitória de Franca Raimondi com "Aprite le finestre", canção moderna e alegre composta por Pinchi e Virgilio Panzuti. A canção vitoriosa clamava renovação, entretanto os telespectadores privilegiavam a tradição. A transmissão mais assistida daquele ano foi a Noite de Gala, evento adicional que reunia os vencedores das edições anteriores apresentando seus grandes sucessos.

A edição seguinte apostaria no retorno ao passado, convocando os cantores já conhecidos pelo grande público. Os vencedores de 1957 foram a dupla Claudio Villa e Nunzio Gallo com "Corde della mia chitarra", inovando ao incorporar o ritmo popularizado em Cuba, o bolero.

A edição de 1958 se tornaria o marco zero do *Festival della canzone italiana* e da canção popular. "Nel blu dipinto di blu", canção composta e interpretada por Domenico Modugno, seria o ponta pé inicial para que os cantores apresentassem suas próprias composições.

## **1.2 Sanremo a Volare**

A estreia de "Nel blu dipinto di blu", renomeada no exterior como "Volare", coincide com o despontar econômico italiano (1958-1963). O *Bel paese* nesse período atravessa um boom

econômico transformando radicalmente a sociedade italiana. O quinquênio é marcado pela migração externa e interna, pela urbanização, em especial as cidades de Milão e Turim crescem respectivamente 24% e 42-43% como afirma Miriam Mafai (1997) em “*Il sorpasso. Gli straordinari anni del miracolo economico 1958-1963*”.

Segundo Anna Luso (2007) no artigo “Scrivere agli idoli – La scrittura popolare negli anni Sessanta e dintorni a partire dalle 150.000 lettere a Gigliola Cinquetti”, o crescimento econômico é notável pelo aumento da presença de aparelhos de televisão nos lares italianos. Esses aparelhos passam de 12% aos 49%, o que influencia a mudança da mentalidade da massa.

Esse fato é evidenciado em um relato da coluna do jornal “Corriere della Sera” de 1961, noticiando que durante a exibição do Festival as ruas de Roma ficavam vazias e os cinemas fechados e as trattorias e cafeterias atraíam clientes com placas informando a presença de um aparelho televisivo no local.

Os anos sessenta representam os anos dourados do *Festival di Sanremo*. O crescimento da presença da televisão culmina no aumento da visibilidade do evento. Estima-se que cerca de trinta milhões de espectadores assistiam ao programa através da televisão. A Itália acompanhava o festival com torcidas similares às futebolísticas divididos entre a tradição e a modernidade.

O embate entre tradição e modernidade é representado na disputa do primeiro lugar de 1960, de um lado Modugno com “Libero”, canção controversa que dá voz a um prisioneiro que sonha com a liberdade, e do outro “Romantica”, de Renato Rascal, texto tradicional.

A edição de 1964 abre espaço para intérpretes de fama internacional, apresentando-se preferencialmente em língua italiana. A vitória estrangeira ocorre em 1968 através da parceria entre Sergio Endrigo e Roberto Carlos, a performance e texto serão analisados nos itens 2.2 e 3.2.

### **1.3 Sanremo como evento televisivo**

Os anos setenta marcam o início do declínio do *Festival di Sanremo*. Entre os principais motivos da crise de Sanremo estão o envelhecimento dos grandes vencedores do evento, o afastamento da RAI da produção devido a progressiva falta de interesse por parte do público jovem que acompanhava cada vez menos a música nacional. A juventude era mais atraída por concertos do que transmissões televisivas. O rock entoado pelos Beatles e Rolling Stones tornava-se mais popular e os cantores internacionais conquistavam o público italiano.

O declínio da audiência do Festival concretizou-se entre os anos de 1973 e 1979. Dos anos oitenta a 2018 o evento se transformou em um espetáculo televisivo anual usado pelos artistas não muito populares como vitrine discográfica e meio de promover novos álbuns.

Entre a década de setenta e 2018 houve diversas tentativas de reconquistar o público a partir de mudanças na estrutura do Festival. A edição de 74 tenta atrair a antiga audiência criando vagas cativas na final para os intérpretes consagrados, chamados Big, que competiriam contra aspirantes, os novos artistas.

Ainda na década de setenta as canções passam a serem apresentadas com suporte de uma base musical pré-registrada como tentativa de adaptar-se aos novos ritmos e garantir performances com maior qualidade sonora. Em 1980 a presença da orquestra é eliminada por completo, retornando a estrutura das apresentações somente dez anos depois.

O Festival ganha um novo cenário em 1977 quando o espetáculo se transfere do Casinò ao Teatro Ariston. Com a evolução tecnológica, Sanremo passa a ser exibido em cores, para o exterior em 1974 e somente em 1977 para o território nacional.

Nos anos oitenta, a produção do festival institui o *Premio della Critica* (prêmio da crítica). Além do prêmio popular, um júri especializado analisaria as canções e escolheria a melhor obra. Os *Big Italiani* passam a ser escolhidos através do concurso Toptip e é estituída a sessão Nuove proposte, prêmio destinado a revelar novos talentos. Em 1993, a categoria revelaria a cantora Laura Pausini para a Itália e todo o mundo com a canção “La Solitudine”.

Como tentativa de atrair o público jovem, em 2004 o voto popular vem introduzido também na modalidade mensagem telefônica. Oito anos depois, as redes sociais ganham mais força no evento com telespectadores comentando ao vivo através do Facebook e twitter.

A edição de 2019 contou com dois vencedores da edição Sanremo Giovani 2018, Mahmood e Ultimo ganham destaque conquistando o primeiro e segundo lugar do Festival principal. A popularidade desses jovens cantores traz um novo público a Sanremo, os telespectadores jovens a partir dessa edição passam a assistir e apreciar o evento.

#### **1.4 Palcos da Juventude**

A sexagésima nona edição muda novamente os rumos do Festival. A vitória de Mahmood, nome artístico do cantor Alessandro Mahmoud, traz à tona a discussão sobre o que é ser italiano. O cantor e compositor nascido e criado na periferia de Milão conquistou a crítica com a canção

“Soldi”, porém atraiu grande resistência de parte do público e políticos conservadores que afirmavam não o reconhecer como um representante dos italianos por possuir traços árabes.

A partir de 2019, Amadeus, apresentador do Festival di Sanremo, empenha-se na conciliação entre a juventude e os cantores já consagrados. Entre os Bigs, cantores com anos de carreira que se inscrevem ao festival, as últimas edições contam com artistas de grande apelo entre os jovens e antigos vencedores. Nesse período, as redes sociais estão cada vez mais presentes. Em 2020, por exemplo, além do grupo Diodato que vence a competição oficialmente, o público escolhe outra apresentação como de vencedor moral, relacionando a não classificação do cantor Achille Lauro com censura e moralismo. O cantor é um ferrenho crítico de dogmas religiosos, sempre conta com performances críticas à falsa moral.

No ano seguinte, Måneskin se consagra como primeira banda de rock a vencer o festival e dão projeção internacional ao evento. Em 2022, Mahmood retorna ao palco de Sanremo acompanhado do rapper Blanco. Mais seguro de si e querido pelo público a figura de Alessandro Mahmoud era desde o início o preferido para o prêmio.

Ao concluirmos esse percurso histórico percebemos que ao longo das setenta e duas edições o Festival se estabeleceu como grande evento cultural além da sua importância para propagação da língua italiana. O perfil dos artistas mudou ao longo do tempo, partindo de artistas conhecidos do grande público que conquistavam diferentes gerações como Pizzi e Claudio Villa, passando por ídolos jovens cativantes como Mina e Celentano. Até os anos de menor destaque do Festival tiveram sua importância cultural ao revelar grandes nomes da música italiana. Entre os anos 80 e 2000, o Festival revelou para a península e para o mundo artistas como Vasco Rossi, Eros Ramazzotti, Laura Pausini, Fiorella Mannoia, Zucchero Fornaciari, Jovanotti e Nek e ajudou a popularizar a vertente de cantor pop do tenor Andrea Bocelli.

A partir das décadas de 2010 e 2020, o Festival vem conquistando um público que há tempo considerava o evento algo brega. A popularidade atingida por artistas como Mahmood, Ultimo e Måneskin traz o evento de volta a moda.

## 2. Compositores X intérpretes

O Festival de Sanremo inicia sua história como um evento radiofônico. Havia um claro distanciamento entre compositores e cantores, o evento contava com um grupo de cantores que interpretava uma série de canções enviadas pelas gravadoras. A dinâmica inicial era voltada para a voz e texto, os competidores se apresentavam com roupas de gala e evitavam muitos movimentos que pudessem atrapalhar a qualidade do som captado pelo microfone. Somente quando o evento passa a ser televisionado é que o modo de se portar no palco se tornaria um novo artifício para conquistar o júri.

A transmissão televisiva do Festival de Sanremo e a figura de Modugno seriam um divisor de águas para o estabelecimento de apresentações chamativas que remetiam ao teatro italiano, transformando a competição em um verdadeiro espetáculo. Outra inovação que a vitória de Volare traria para o Festival era a presença cada vez maior de “*cantautori*”, cantores que escrevem os textos que interpretam. Neste capítulo percorreremos a história do Festival estudando a relação entre compositores e intérpretes e a evolução da performance partindo dos anos do rádio até chegar aos espetáculos para a televisão.

### 2.1 Grandes intérpretes italianos (1951-1957)

Na primeira edição do Festival, Nilla Pizzi se apresenta de maneira discreta, vestido preto e braços junto ao corpo. A cantora encanta com seu modo melancólico de entoar as palavras, o prolongamento das sílabas que é uma marca da interpretação de Pizzi.

Já na segunda edição Nilla Pizzi se consagra como grande nome do evento, a voz marcante da bolonhesa destacou a emoção da composição de Carlo Concina e Bruno Cherubini. A canção “Vola Colomba” não se restringe a beleza estética, seu videoclipe utiliza de cenário uma casa de campo, Pizzi entoa a melodia sentada no batente da janela do sótão contracenando com as pombas brancas

A análise de ambas as interpretações de Pizzi foi possível a partir dos registros disponíveis no programa *Sanremo, i vincitori* no qual estão arquivados os videoclipes. Em “Grazie dei fior”, Nilla veste cores sóbrias e as imagens se alternam entre a intérprete cantando sozinha em uma sala de estar e imagens do festival de 1951. Enquanto Pizzi canta na sala suas mãos se aproximam de uma caixa que é focalizada pela câmera possibilitando ler “Il mio primo festival”, a caixa guarda o registro cinematográfico da primeira edição do festival. Por outro lado, em “Vola Colomba”, a cantora veste roupas claras e simples. Nilla canta sentada no peitoral de uma janela observando o voo das pombas brancas. As aves usufruem da liberdade

invejada pelo eu lírico da canção, a intérprete está presa a um local sem notícias de quem ama almejando a liberdade das pombas, estes símbolos são frequentemente associados a mensageiras podendo transmitir as palavras da mulher ao namorado.

A vitória de Carla Boni e Flo Sandon's interpretando "Viale d'autunno" repete a fórmula de compositores masculinos e intérpretes femininas. O espetáculo era transmitido via rádio refletindo no maior destaque a potência vocal dos intérpretes comparado à performances criativas. Por isso usavam vestidos simples e fazem singelos movimentos dos braços.

A quarta edição do Sanremo foi marcada pela primeira vitória masculina e o retorno a veia lírica da música italiana. A dupla Giorgio Consolini e Gino Latilla conquistam o público com a serenata às mães, "Tutte le mamme". Os intérpretes vestem ternos e o diferencial da apresentação se deve à parente emoção de Gino Latilla que com os olhos cheios de lágrimas observava a mãe sentada na primeira fila.

"Buongiorno tristezza", vencedora da quinta edição, teve seu título inspirado no *best seller* francês *Bonjour tristesse* de Françoise Sagan. A canção apresenta texto simples, mas capaz de exaltar a potência vocal de seu intérprete. O destaque do videoclipe é o diálogo em francês que introduz a canção remetendo ao livro inspirador, seguido de cenas do intérprete acamada devido a profunda melancolia.

No ano seguinte, Franca Raimondi interpreta "Aprite le finestre" vestida com um figurino alegre transparecendo a leveza de sua canção com leve balançar do corpo e maior liberdade dos braços. O destaque da edição, entretanto se deve à transmissão extra que contou com o retorno das estrelas do Festival apresentando os grandes sucessos do passado.

## **2.2 Anos dourados dos "cantautores" (1958-1970)**

Os anos 60 representam o embate entre apresentações tradicionais e inovações inspiradas por ritmos modernos como rock e twist e popularização de artistas que mesclavam os papéis de cantor e compositor. As vestimentas continuam formais como ternos e vestidos pretos, entretanto os intérpretes são mais expressivos explorando recursos braços abertos e danças.

A vitória de Modugno é revolucionária em diversos aspectos. Mr. Volare é o primeiro intérprete a vencer entoando uma composição própria. Usando terno de cores claras e enfáticos movimentos, Modugno canta com braços abertos especialmente durante o refrão. Suas performances teatrais abrem espaço para intérpretes inspirados pela tradição americana que trazem ao palco de Sanremo maior espontaneidade no comportamento e na pronúncia. Alguns

espectadores não acostumados com o novo modo de cantar consideram essa nova modalidade pura emissão de gritos.

Na nona edição do festival, mais intérpretes passaram a estudar como desfrutar de recursos teatrais e da mímica para destacarem-se. Em 1959, Modugno e Johnny Dorelli repetem a fórmula de canções autorais e apresentações emblemáticas. Modugno foi impedido de se vestir como um prisioneiro ao interpretar o hino de liberdade, porém chama atenção pela presença do violão.

Em 1961, os artistas que mais se destacam não foram os vencedores. Adriano Celentano, vice colocado, entoa 24000 Baci com sua melodia *Twist*. Celentano traz modernidade com o estilo americanizado, dançando e estalando os dedos inspirado em Elvis Presley de maneira mais despojada que os intérpretes tradicionais.

Outra intérprete que se destaca nos anos de ouro do Festival é a cantora Mina, artista expressiva que canta com o corpo. A figura de Mina é explorada pela mídia na divulgação do evento especialmente alimentando a rivalidade entre Mina e Celentano e entre a cantora e outra intérprete chamada Milva.

A edição de 1964 é conquistada pela jovem Gigliola Cinquetti, adolescente de dezessete anos conquista o público com sua timidez. A canção conta a história de uma jovem apaixonada por um homem mais velho, que por respeito à família suplica ao amado que espere até que o casal possa estar junto. Sua voz suave e feminina dá vida à composição do trio Mario Panzeri, Nicola Salerno e Gene Colonnello.

A exibição que apresentou Cinquetti ao mundo foi a primeira aberta a cantores estrangeiros, o Festival criado para difundir a língua italiana iniciava gradualmente sua globalização. Entretanto somente quatro anos depois um intérprete estrangeiro conquista o Festival. A canção “Per te” que conquista o público foi apresentada em parceria entre o celebre compositor Sergio Endrigo e o popular cantor sul-americano Roberto Carlos, único estrangeiro a conquistar tal feito.

### **2.3 Sanremo vitrine de artistas (1970-2016)**

Na década de 70 parte dos artistas escolhem apresentar-se com a companhia de coros. Neste período se populariza no Festival a presença de bandas. Em 1977, o grupo Homo Sapiens traz ao palco uma atriz representando a musa da canção.

A década de 80 é marcada por grupos musicais e ritmos de discoteca. O cenário do palco de Sanremo se transforma em elemento da performance. Em 1982 Riccardo Fogli transforma o Teatro Ariston em uma discoteca. As canções desse período se inspiram nas tendências estrangeiras como os populares grupos Bee Gees e ABBA.

Em 1986, o palco do Ariston apresenta Eros Ramazzotti para a península. Roupas joviais e interações com a câmera se tornariam frequentes na década de 90. Durante a fase televisiva do *Festival di Sanremo*, muitos intérpretes exploram a câmera para um contato mais íntimo com público.

As apresentações da década de 90 e 2000 se voltavam para canções pops e apresentações discretas. Os artistas estavam mais interessados em apresentar novos trabalhos musicais ao público do que se destacar entre os competidores.

#### **2.4 Os jovens reconquistam Sanremo (2017-2022)**

A década de 2010 é conquistada por artistas mais jovens dando os primeiros passos para a repopularização do evento. Os destaques se dão para Francesco Gabbani em 2017 e Lucas Barbarossa em 2018. Gabbani se apresenta no Teatro Ariston vestindo um conjunto de moletom laranja em contraposição ao tradicional terno dos cantores das edições anteriores. O cantor e compositor conquista o público com danças e referências à cultura ocidental ironizando a sociedade italiana ao compará-la a primatas. Gabbani surpreende o teatro com um dançarino fantasiado de gorila.

No ano seguinte, Luca Barbarossa traz sua origem romana para o palco do Festival. O compositor entoa a canção “Passame er sale” em dialeto romanesco, indo na contramão do velho tabu de canções em língua standard.

Com a composição autoral, Mahmood representa as novas gerações de italianos provenientes de famílias mononucleares. Abandonado pelo pai na infância, o cantor expõe o sentimento de não pertencimento e a mistura cultural que o formou. A melodia usa elementos musicais da cultura árabe e frases amorosas esvaziadas de significado que o pai lhe dizia.

Em 2020, o grande vitorioso do Festival foi Diodato, mas quem rouba a cena é o romano Achille Lauro. Sempre polêmico, o cantor se inspira em figuras históricas como São Francisco, Bowie, Marquesa Luisa Casati Stampa e Rainha Elisabeth I. Lauro atrai críticas pela sua performance beijando outro homem no palco, texto criticando a figura da Igreja, de Deus e do



padroeiro italiano. Compara Deus a uma figura feminina, bipolar e provavelmente inexistente como fabulas “*favole*”.

Måneskin é a primeira banda de rock a vencer o Festival com a composição “Zitti e buoni”, que conta com palavrões e questionamentos sobre a existência de Deus. O grupo romano foi polêmico no texto crítico à sociedade italiana e na performance agressiva e efusiva e ao usar vestimentas cor de pele que emulavam a pele tatuada. A canção foi vítima de censura quando apresentada no Festival da Canção (Eurovision), devido a regras mais conservadoras.

Em 2022, Mahmood retorna ao palco do Teatro Ariston em parceria com o rapper Blanco. Os cantores contracenam no palco simulando um dueto amoroso como no polêmico videoclipe da balada “Brividi”. A parceria é inovadora também pela mistura entre rap e balada romântica.

A partir da análise cronológica do Festival é possível destacar a relação cantor e compositor ao longo das décadas. As primeiras edições do evento são marcadas pelo distanciamento completo entre as duas figuras. Tal fato se deve a própria dinâmica do Festival no qual as produtoras enviavam diversas canções para serem interpretadas por um seleto grupo de cantores. A figura de Mr. Volare seria revolucionária por introduzir o conceito de *cantautore*, cantores que escrevem os textos que interpretaram. A forte presença de artistas que cantam suas próprias composições se tornaria característica de Sanremo a partir da década de sessenta persistindo na atualidade.

A juventude resgata dos anos dourados do Festival as apresentações impactantes. A performance trabalha em conjunto com o texto na criação de sentido, sejam através de coreografias ou de figurinos para vencer o evento é imprescindível destacar-se entre os competidores.

### 3. Língua e cultura italiana nas canções de Sanremo

As canções apresentadas ao longo dos setenta e dois anos do *Festival di Sanremo* retratam as evoluções culturais e linguísticas da sociedade italiana. Conforme já citado, nos anos iniciais do Festival, o evento cumpria o papel de disseminação do italiano standard na península. E a obrigatoriedade de composições em língua nacional perdurou por sessenta anos. Mesmo em edições contemporâneas são raras as composições em língua dialetal.

Contudo, segundo o linguista Lorenzo Coveri:

“(…) a linguagem das canções italianas pôde ora percorrer, ora refletir, ora atender a língua dos italianos; funciona, portanto, como um grande “transmissor cultural”. Não só com as canções, mas “também” com as canções, graças ao seu poder evocativo, se construiu um patrimônio linguístico e cultural compartilhado, um reservatório de memória coletiva que nos faz sentir tudo, para além das diferenças regionais, geracionais, sociais, culturais, parte de uma mesma comunidade.”

(Coveri, 2012, *L’Italiano e le canzoni* tradução nossa) <sup>1</sup>

A análise dos textos das canções que se pretende trabalhar se baseia em aspectos sociolinguísticos apresentados no livro de Berruto (2012) “*Sociolinguistica dell’italiano contemporaneo*”. Para tal, a pesquisa seleciona as principais canções apresentadas nas sete décadas do Festival almejando evidenciar escolhas vocabulares, recorrentes truncamentos, adaptações fonéticas que refletem diferenças regionais, geracionais e sociais e incorporação de influências estrangeiras.

#### 3.1 Primeiras canções (1951-1957)

A primeira canção a ser analisada é “Grazie dei Fior”, composição de Gian Carlo Testoni e Mario Panzeri. O texto é ambientado na alta burguesia e representa uma triste canção de amor. O léxico melancólico narra um amor que existe nas lembranças trazidas pelas rosas vermelhas.

Nilla Pizzi entoou a canção “Grazei dei fiori” acompanhada de uma orquestra. A composição ganha destaque através da interpretação da bolonhesa com seu modo melancólico de entoar as palavras marcado pelo prolongamento de sílabas, especialmente no verso “Son rose rosse e parlano d'amor” (São rosas vermelhas e falam de amor) na pronúncia <r> entre

---

<sup>1</sup> il linguaggio della canzone italiana ha potuto ora percorrere, ora riflettere, ora assecondare la lingua degli italiani; funzionare, insomma, come un grande “trasmettitore culturale”. Non solo con le canzoni, ma “anche” con le canzoni, grazie al loro potere evocativo, si è costituito un patrimonio linguistico e culturale condiviso, un serbatoio di memoria collettiva che ci fa sentire tutti, al di là delle differenze regionali, generazionali, sociali, culturali, parte di una medesima comunità.

consoante e vogal como em “Grazie”, a intérprete vocaliza [r], uma vibrante múltipla. O mesmo ocorre com <r> em posição de ataque como “rose” e “rosse”.

O texto musical apresenta características da língua falada. Como é possível destacar o texto é marcado pela elisão vocálica especialmente no final do verso como o vocábulo “amore” em “Son rose rosse e parlano d'amor” (São rosas vermelhas e falam de amor) em contraposição a “Ma se l'amore nostro s'è perduto” (Mas se o nosso amor se perdeu).

O Festival nasce no período pós-segunda guerra com o intuito de propagar também valores morais conforme exigência da emissora RAI na segunda edição trazendo o ideal Deus-Família-Pátria. Nilla Pizzi se consagra bicampeã com Vola Colomba. O texto de Concina e Cherubini explora itens da tríade proposta com a temática de amores separados por guerras. A composição apela às lembranças de amores separados pelo dever de defender a pátria, apela também para a fé como única esperança mediante à destruição.

A grande vencedora do Festival, Nilla repete a fórmula de prolongamento das sílabas, pronúncia acentuada da vibrante múltipla destacando a temática melancólica. Os elementos religiosos são evocados na composição através dos vocábulos “Dio del Ciel”, “San Giusto”, “colomba bianca” (pomba branca), “inginocchiata” (ajoelhada). Novamente os compositores exploram recursos gramaticais como conjuntivo, truncamento da vogal final do verbo no infinitivo, característica comum da fala, como aparece em “Vorrei volar dal mio amor” (Queria voar para o meu amor).

Em 1953, pela primeira vez no festival, a bolonhesa Nilla Pizzi não seria o grande destaque da noite. As grandes vencedoras da edição foram Carla Boni e Flo Sandon's interpretando “Viale d'autunno”. A canção composta por Giovanni D'Anzi segue a linha melancólica das demais edições. Carla Boni mescla a interpretação do texto triste e tradicional com a melodia do Jazz. O tema recorrente de amores perdidos ganha com Boni uma interpretação diferente de Nilla Pizzi ao ser mais sutil na pronúncia das palavras, sem prolongamentos exagerados de sílabas. Os compositores exploram a elisão da vogal final dos verbos no infinitivo como exemplificado nos versos “l'amor che ti giurai/vive ancor di più.” (o amor que te jurei/ vive ainda mais)

Em 1954, o *Festival di Sanremo* representa um evento nacional. A quarta edição é marcada pela primeira vitória masculina, a dupla Giorgio Consolini e Gino Latilla conquistam o Casinò com “Tutte le mamme”. O texto foi composto por Umberto Bertini e Eduardo

Falocchio pouco dias antes do término de inscrição ao Festival. Com letras simples e mais informais que as apresentadas nos anos anteriores, marcada pela repetição do refrão “Son tutte belle le mamme del mondo” (São todas belas as mães do mundo).

Gramaticalmente se observa o truncamento do verbo “sono”, mimetizando no refrão as tendências da fala. Os elementos da composição usam recursos do imaginário italiano como a figura da mãe de Jesus, Nossa Senhora (Madonna), a ideia de mãe como símbolo de bondade, aquela que renuncia a si pelos filhos para marcar a exaltação da figura materna. A melodia é similar a cantigas infantis permitindo uma abordagem menos melancólica.

Em 1955, a vitória fica para “Buongiorno tristezza” de Giuseppe Fiorelli e Mario Ruccione interpretado pela dupla Claudio Villa e Tullio Pane. O texto não apresenta truncamento da vogal dos verbos no infinitivo, se distingue também pelo uso de vocábulos áulicos como “lusinghe”- lisonjas; uso do passado remoto (pretérito mais-que-perfeito), mais usual na literatura, reforçando a distância temporal dos dias de felicidade; e pela presença do discurso direto em “E dissi di lei: “Mi vuole ancora bene”” (E disse dela: “Ainda me quer bem”). O título da canção “Buongiorno tristezza” foi inspirado no *best seller* francês *Bonjour tristesse* de Françoise Sagan. A canção apresenta texto simples, mas capaz de exaltar a potência vocal de seu intérprete. Claudio Villa usa o alongamento das sílabas para ressaltar a melancolia ao dialogar com a tristeza e solidão, o cantor romano explora também recursos da ópera nos versos finais.

A edição de 1956 consagra Franca Raimondi com “Aprite le finestre”, canção moderna e alegre composta por Pinchi e Virgilio Panzuti. A letra exalta a esperança e se estabelece na repetição do refrão e na harmonia moderna. O texto explora elementos que clamam a esperança e renovação como o refrão “Aprite le finestre al nuovo sole/ È primavera, è primavera” (Abram as janelas ao novo sol/ É primavera, é primavera). A primavera, termo supracitado literariamente, como tema da renovação da vida aparece na canção como um clamor à renovação social e cultural pós-guerra que aconteceria em 1958.

A canção vencedora de 1957 “Corde della mia chitarra” foi inovativa ao incorporar o som do bolero à melodia e o violão à apresentação ao vivo. A pronúncia do intérprete emula o som das cordas do violão, a letra simples explora vocábulos relativos ao instrumento musical como “corde”- cordas; “accordo”- acorde; “suonate”- soar; “musica”.

### 3.2 A revolução de Volare (1958-1970)

Com a revolução provocada pela apresentação de Volare, os competidores dos anos seguintes seguem a premissa de textos com linguagem coloquial, explorando temáticas mais tangíveis como liberdade, amores físicos, dúvidas morais. O Festival se torna mais popular, passa a ser assistido por uma parcela maior da população e os seus participantes provêm de camadas sociais diversas.

“Nel blu dipinto di blu” (Volare) consagra Modugno com o refrão marcante com vocábulos que remetem ao imaginário de sonhos como “blu” (azul); “cielo” (céu); “occhi” (olhos); “spariva” (desaparecer); e “l’alba” (amanhecer); “luna” (lua); “stelle” (estrelas), e explora a alternância entre “lassù” “laggiù”, “quaggiù”, “più su” no refrão. A canção almeja o alto, o sentimento alegre leva o compositor a voar no céu infinito junto ao vento em um sonho.

Na edição seguinte Modugno se torna bicampeão com “Piove”, letra simples com vocabulário cotidiano. O cantor e compositor explora elementos da natureza como “Mille violini suonati dal vento” (Mil violinos tocados pelo vento); “colori dell’arcobaleno” (cores do arco-íris); “Ma piove, piove sul nostro amor” (Mas chove, chove sobre o nosso amor). A canção narra a despedida de um amor passado, levado pelo tempo. Mesmo que haja sentimento não há possibilidade de dar prosseguimento à relação como evidenciado em “Vorrei trovare parole nuove/ Ma piove, piove sul nostro amor” (Queria encontrar novas palavras/ mas chove, chove sobre o nosso amor.)

Na edição de 1960, a grande campeã foi “Romantica” parceria de Tony Dallara e Renato Rascel, entretanto o destaque da edição seria a canção “Libero” de Modugno. Segundo Mr. Volare, a intenção do texto era retratar a experiência de um prisioneiro que sonha com a liberdade, entretanto o público masculino relacionou o fato de estar encarcerado ao casamento. A soltura almejada é ressaltada pela natureza destacando “È l’alba,/ nel mare già respirano/ le bianche vele.” (É o amanhecer,/ no mar já respiram/ as brancas velas”), o nascer do dia remetendo a um recomeço, as velas brancas no mar, livres levadas pelo vento e pelas ondas. “come rondine/ che non vuol tornar al nido.” (uma andorinha que não quer voltar para o ninho), não se prende a um lugar.

Em 1961 a juventude domina o palco do Festival, mesmo sem conquistar o primeiro lugar do pódio. A novidade se dá por ritmos inspirados no rock americano e o canto agressivo e frenético como o próprio amor juvenil retratado nos versos de Celentano “Con 24 mila baci/ Così frenetico è l’amore” (Com 24 mil beijos/Assim frenético é o amor). O texto é marcado

pela presença maçante de verbos conjugados no presente do indicativo e construções sintáticas simples, o amor não é idealizado, mas físico e mecânico como explicitado nos versos “Niente bugie meravigliose,/ Frasi d'amore appassionate, /Ma solo baci che do a te,” (Nenhuma mentira maravilhosa/ Frase de amor apaixonado, / Mas só beijos que dou em você). A canção se torna emblemática pela performance e letra provocativas.

A edição de 1964 foi marcada pela jovem Gigliola Cinquetti, a cantora de dezesseis anos entoou a canção “Non ho l'età” e se tornou a primeira representante italiana a conquistar os palcos de Sanremo e do Festival Europeu da Canção (Eurovision), feito que só viria repetido em 2021. O texto foi composto por uma dupla de compositores mais velhos e pretendia retratar a visão de uma jovem menor de idade apaixonada por um homem mais velho. A letra da canção se desenvolve em torno da temática do amor proibido “Non ho l'età, non ho l'età/ Per amarti, non ho l'età/ Per uscire sola con te” (Não tenho idade, não tenho idade/ Para te amar, não tenho idade/ Para sair sozinha com você). Por respeito aos pais, a voz do texto suplica ao amado de esperar alguns anos para que possam estar juntos. A canção representa o pensamento cultural da sociedade italiana da época: uma menina educada para pensar sempre no casamento como exemplificado nos versos “Aspettarmi/ Quel giorno avrai/ Tutto il mio amore per te” (Me espera/ Aquele dia terá/ Todo o meu amor para você); “Che venga quel giorno” (Que venha aquele dia).

Em 1966, Celentano retorna ao palco de Saremo entoando o que se tornaria uma das suas mais célebres canções “Il Ragazzo della via Gluck”. O texto está repleto de referências autobiográficas, retrata a rápida urbanização durante o *boom* econômico italiano: “Là dove c'era l'erba ora c'è/ una città,/ e quella casa in mezzo al verde ormai/ dove sarà.” (Lá onde existia vegetação agora há/uma cidade,/ e aquela casa em meio ao verde agora/ onde estará). A cidade interiorana na qual o cantor cresceu existe somente na memória, a vida simples com os pés descalços: “è una fortuna, per voi che restate/ a piedi nudi a giocare nei prati” (é uma sorte, para vocês que ficaram/ com os pés descalços a jogar nos prados) em oposição a urbanização que cobre tudo com cimento “mentre là in centro respiro il cemento.” (enquanto lá no centro respiro o cimento). O texto aborda um retorno às origens que já não existem mais, tanto o compositor quanto seus amigos migraram para os grandes centros: “torna e non trova gli amici che aveva,/ solo case su case,” (Volta e não encontra os amigos que tinha,/ só casas sobre casas). A urbanização veloz e desenfreada muda as paisagens italianas, a população que poucas décadas antes vivia da atividade rural é forçada à modernização industrial.

Como já apresentado, a edição de 1968 revoluciona com a primeira vitória de um artista estrangeiro no Festival. Sergio Endrigo compõe “Per te” canção apresentada em parceria com o cantor brasileiro Roberto Carlos. O texto é simples e mais próximo à norma gramatical, principalmente pelo fato de o cantor sul-americano não dominar a língua italiana. A letra da música não apresenta as corriqueiras elisões vocálicas registrando a grafia normativa como “Il cuore non ti crederà” (o coração não te crerá), a dupla marcação do sujeito pela presença do pronome e através da desinência verbal, característica mais recorrente no português do que na língua italiana “Io la coltivo come un fiore” (Eu a cultivo como uma flor).

Na edição seguinte podemos destacar a vencedora “Zingara” de Iva Zanicchi e Bobby Solo. O texto se desenvolve no entorno da personagem da Cigana a quem se pede para que se leia a mão e intérprete a sorte no amor “Prendi questa mano,/Zingara,/Dimmi pure che destino avrò” (Pegue esta mão,/Cigana,/ diga-me que destino eu terei). Os compositores Enrico Riccardi e Luigi Albertelli se inspiraram no romance “A virgem e o cigano” de David Herbert Lawrence. A canção utiliza sobretudo verbos conjugados no futuro do indicativo, enfatizando a ideia de leitura do destino. O texto representa a eterna incerteza da duração do amor.

Adriano Celentano reaparece em 1970 com a canção “Chi non lavora non fa l’amore” (Quem não trabalha não faz amor). A canção foi apresentada em parceria com sua esposa Claudia Mori e foi definida como uma das mais fura-greves e reacionárias, representando a contestação dos operários que não ganhavam o suficiente para ter uma vida serena. Os anos entre o fim dos anos sessenta e início da década de setenta forma marcados por greves e paralizações para defender o direito dos trabalhadores. Celentano entoava o hino em defesa aos direitos dos patrões como versos como: “Chi non lavora non fa l'amore” (Quem não trabalha não faz amor); “Allora andai a lavorare/ Mentre eran tutti a scioperare” (Então eu fui trabalhar/ enquanto estavam todos a fazer greve). Os intérpretes reclamam das paralizações ignorando os motivos que levavam à insatisfação dos operários italianos.

### **3.3 Anos da televisão (1970-2014)**

Com a consolidação da língua italiana no território nacional, a partir dos anos setenta chegando a primeira metade da década de 2010, o Festival tornou-se espaço de divulgação de novas canções e vitrine para cantores iniciantes. A língua italiana standard já estava consolidada pelos meios de comunicação. Os anos televisivos abrem maior espaço no Festival para os “cantautori”, interpretes que apresentam suas próprias canções. As canções espelham as mudanças sociais e culturais, uma sociedade mais liberal e menos apegada a preceitos morais.

Em 1975, a cantora e compositora piemontesa Gilda vence o Festival com “Ragazza del Sud”. O texto explora a oposição entre a figura da menina do sul italiano, inocente, religiosa que ainda espera o grande amor em contraposição a figura das garotas do norte, representadas na figura da intérprete. A construção da inocência sulista se cria na estrofe: “Ragazza che ti affretti/perché suona la messa,/cammini a testa bassa,/sorridi a chi conosci.”(Menina que se apressa/ porque soa o sino que anuncia a missa,/ caminha com a cabeça baixa,/ sorri a quem conhece). A menina representada no texto conserva as tradições da época com humildade. A composição explora os vocábulos “aranci” (laranjas) e “oleandri” (flor típica do sul da Itália) situando geograficamente a personagem no sul da península. A menina do sul está muito ligada às tradições: “ti hanno insegnato a credere,/a vivere aspettando... lui.../ La treccia non la tagli,/ sarà il tuo primo amore/a scioglierti i capelli” (te ensinaram a acreditar,/ a viver esperando... ele.../ As tranças não corta,/ será o teu primeiro amor a soltar-te os cabelos).Ensinada a esperar pelo homem certo, mantém uma trança longa que vai desfazer somente depois de viver o grande amor. Enquanto a menina do sul borda o nome no lençol esperando o dia do casamento: “Rimani a ricamare/ il tuo nome sul lenzuolo,” (Continua a bordar/ o teu nome no lençol) a personagem do norte é livre para experimentar “il primo bacio l’ho avuto,/ non ricordo da chi.”(o primeiro beijo eu já tive,/ não lembro com quem). O texto ilustra a diferença cultural que separava os extremos geográficos italianos, uma população ainda muito ligada às tradições religiosas em oposição as regiões do norte com maior desenvolvimento e maior contato com o mundo globalizado.

Um dos destaques da década de oitenta se deve a canção “Per Elisa” da cantora Alice. A vencedora da edição de 1980 compôs com Battiato e Giusto Pio uma antítese à famosa melodia de Beethoven, Für Elise. Alice dá voz a uma mulher que teve seu amado conquistado pela amante, o texto explora a presença de Elisa no começo de cada estrofe exceto no refrão. A canção opõe a figura do eu lírico com Elisa comparando o que a pessoa amada faz “Per Elisa”, “Con Elisa” e “Senza Elisa”. O texto cria a dependência do homem por Elisa, “per Elisa, non sai più distinguere che giorno è” (por Elisa, não sabe mais distinguir que dia é); seguido por ações que ele faz em nome de Elisa “per lei ti metti in coda per le spese/ e il guaio è che non te ne accorgi.” (por ela você entra na fila para fazer compras/ e o problema é que você não percebe); o jogo das preposições na criação do amor segue com as atividades que se faz com Elisa “Con Elisa/guardi le vetrine e non ti stanchi lei,” (Com Elisa/ você olha para as vitrines e não se cansa,) e finaliza na ausência de Elisa “Senza Elisa/ non esci neanche a prendere il giornale” (Sem Elisa/ não sai nem para pegar o jornal). Com o uso das preposições e do



sintagma preposicional, os autores criam a ideia de dependência do amado por Elisa, a elevando a elemento principal da vida do homem comparando a vida com, por e sem a mulher desejada.

A edição de 1982 do Festival foi responsável por revelar ao grande público o cantor Eros Ramazzotti e o roqueiro Vasco Rossi que terminaram a competição em penúltimo e último lugar respectivamente. A derrota de Vasco Rossi se deve à falta de sincronia com o playback, obrigatória na época, e ao abandono do palco. No ano seguinte Vasco Rossi retorna ao Festival entoando uma de suas mais célebres canções “Vita spericolata”. Apesar de se classificar em penúltimo lugar conquista disco de ouro com o álbum.

A canção “Vita spericolata” se tornou um hino geracional. O compositor afirma que a canção traduz o sentimento do jovem diante de uma decisão difícil entre uma vida de amores ou de segurança. “Vita spericolata”, em português vida perigosa, é a indecisão entre seguir o sonho da vida artística e viver intensamente ou se dedicar a um trabalho estável e seguro. Vasco Rossi usa a expressão cotidiana “che se ne frega” (Quem se importa) nos versos: “Voglio una vita maleducata/ Di quelle vite fatte, fatte così/Voglio una vita che se ne frega” (Quero uma vida mal-educada/ daquelas vidas feitas/ feitas assim/ Quero uma vida que não se importa), para descrever como deseja viver, sem regras e padrões. Vasco Rossi e sua geração queria viver livremente desfrutando de tudo que viam nos filmes de ação estrelados por Steve McQueen como descrito nos versos: “voglio una vita esagerata/ voglio una vita come Steve McQueen” (Quero uma vida exagerada/ quero uma vida como Steve McQueen). Outra referência cultural da época é o Roxy Bar inspirado em nos versos da canção “Whisky Facile”, de Fred Buscaglione, citada nos versos: : “E poi ci troveremo come le stars/a bere del whisky al Roxy bar” (E depois nos encontramos como as estrelas/ bebendo Whisky no bar Roxy).

Eros Ramazzotti vence a competição de 1986 com a canção “Adesso tu”. O cantor homenageia a periferia na qual nasceu. “Nato ai bordi di periferia/ dove i tram non vanno avanti più/ dove l'aria è popolare/ è più facile sognare/ che guardare in faccia la realtà...” (Nascido nos limites da periferia/ onde os bondes não prosseguem/ onde o ar é popular/ é mais fácil sonhar/ que encarar a realidade). No texto o cantor estabelece um diálogo com sua cidade natal na qual a dura realidade torna os dias mais difíceis. Como o compositor muitos jovens migram para outras regiões em busca de melhores oportunidades: “quanta gente giovane va via/ a cercare più di quel che ha”(quanta gente jovem vai embora/ procurando mais do que tem). O passado é o que permite Ramazzotti de cantar, sua inspiração vem das suas origens, dos seus amigos: “e ci sei adesso tu/ a dare un senso ai giorni miei/ va tutto bene dal momento che ci sei/ adesso tu/

ma non dimentico/tutti gli amici miei/che sono ancora là...” (e aqui está você agora/ dando um sentido aos meus dias/ tudo está bem no momento que você está/ mas não esqueço/ todos os meus amigos/ que ainda estão lá...).

O Festival foi responsável também por revelar Laura Pausini para o mundo em 1993. A cantora se apresenta com “Solitudine”, canção composta por Pietro Cremonesi e Federico Cavalli. O texto fala de uma adolescente que precisa lidar com a solidão devido a transferência do seu namorado para uma outra cidade: “Marco se n'è andato e non ritorna più”(Marco vai embora e não voltará mais). O eu lírico se pergunta se o amado sente a mesma solidão: “Chissà se tu mi penserai/ Se con i tuoi non parli mai/ Se ti nascondi come me” (Quem sabe se você pensará em mim/ Se com os seus não fala nunca/ Se se esconde como eu.).

### **3.4 A juventude reinva de Sanremo (2015-2022)**

As edições contemporâneas vêm sendo marcadas pela experimentação e liberdade nas performances e temáticas dos textos. A nova fase do Festival ilustra mais mudanças culturais do que linguísticas. Se em 1952, o Festival de Sanremo se comprometia com o papel de divulgação linguística e cultural, a década de 2010 traz para o foco do debate a própria sociedade. As principais mudanças observadas nas últimas edições abrangem um léxico contemporâneo, neo-standard, explorando a informalidade e temáticas sensíveis. Devido as mudanças da língua italiana contemporânea o linguista Gaetano Berruto decide renomear o termo italiano standard para neo-standard. Há perceptível liberdade no uso de palavras do registro baixo e outras línguas e dialetos italianos. Os textos espelham uma nova sociedade italiana, caracterizada pelas inovações artísticas e culturais, uma sociedade plural, multiétnica.

A edição de 2017 chama a atenção pela presença do cantor Francesco Gabbani que se apresentando com roupas menos formais e crítica a relação da sociedade moderna com a internet e o materialismo. A canção inicia com uma adaptação da celebre fala de Shakespeare recitada no monólogo de Hamlet “Ser ou não ser” se transforma em “Essere o dover essere” (ser ou dever ser) ao adicionar o verbo “dovere” destacando a face materialista. O materialismo também é criticado nos versos “Tutti tuttologi col web/ Coca dei popoli/ Oppio dei poveri” (Todos sabe-tudo com a web/ Coca dos povos/ Opio dos pobres) criando uma releitura da citação de Karl Marx que afirmava que a religião é o ópio do povo, na atualidade as redes sociais representam a droga da sociedade. O compositor explora vocábulos do budismo como “Nirvana”, “Buddha”, “Mantra”, “Karma”, “Namasté” e termos referentes ao Yoga como “fila indiana” e “l'ora d'aria” como forma de criticar a apropriação da cultura oriental pelo ocidente.

A cultura oriental é vista como fuga do stress ignorando o lado sacro das tradições focando apenas no divertimento.

Na competição de 2018, o cantor e compositor Luca Barbarossa apresenta a canção “Passami er sale”. O texto foi apresentado no dialeto romanesco, pensamento antagônico aos anos iniciais do Festival que presava pela língua Standard. Para Barbarossa, o dialeto não separa o povo, mas inclui todos, possibilita um modo de falar capaz de ligar gerações, representando o lugar da intimidade, da estrada e da casa. A presença do dialeto percorre toda a canção evidenciada no uso do artigo determinativo “er” próprio do romanesco como no título da canção “Passami er sale”, que na língua standard seria “passami il sale” (Passa me o sal). No dialeto romanesco “che ho” é representado como “c’ho” um exemplo seria o trecho: “Io non c’ho le parole che c’hanno i poeti” traduzido para o italiano como “io non ho le parole che hanno i poeti” (Eu não tenho as palavras que têm os poetas); O verbo “volere” que em romanesco se traduz por “volé” como evidenciado em “Ogni fiato ogni passo che resta/ Vojo fallo co’ te” que significa em italiano “ogni respiro, ogni passo che resta,/ voglio farlo con te” (cada respiro, cada passo que resta,/ quero fazê-lo com você).

Os palcos de Sanremo testemunharam em 2019 a vitória de Mahmood, filho de pai Egípcio e mãe proveniente da Sardenha. O texto “Soldi” é uma canção autobiográfica narrando o abandono paterno. A música revoluciona ao explorar o instrumental árabe e referências à cultura paterna do cantor como os vocábulos “Ramadan”; “Narghilè” e a reprodução da frase em árabe que o cantor ouvia do pai quando mais novo “Waladi waladi habibi ta’aleena” traduzida como “meu filho, meu filho, querido venha cá”. A figura paterna não é confiável como se evidencia em “Beve champagne sotto Ramadan” (Bebe champagne no Ramadan) momento que recorda a hipocrisia do pai que apesar de seguir a religião mulçumana durante o mês sagrado não buscava o aprofundamento espiritual e seguia ingerindo álcool, assistindo filmes e fumando “narguilé”, espécie de cachimbo de água frequentemente usado em países orientais e do Norte africano. Outro exemplo é o verso “Penso più veloce per capire se domani tu mi fregherai” (penso mais rápido para entender se amanhã você me trairá), no qual o filho não confia no pai, que já o desapontou várias vezes e usa o termo coloquial “fregare”.

A vitória de Mahmood abre espaço para canções mais inovativas, na edição de 2020, por exemplo, o destaque se deve a Achille Lauro. Para uma parcela dos telespectadores o cantor teria sido o vencedor moral. Seu texto se destaca pela ferrenha crítica à sociedade italiana e ao materialismo. O texto aborda uma relação amorosa turbulenta e inconsistente como explicito

no verso “St'amore è panna montata al veleno” (Este amor é chantily ao veneno), o chantily é doce, volumoso, mas frágil e devido ao veneno se torna mortal. Em algumas chaves de leitura se supõem que os versos sejam uma crítica à figura sacra: “È una strega, solo favole, favole/ A far la scema, è abile, agile/ Quel modo insospettabile (muah)/ O mio Dio sì, lei” (oh sim, é instavel, fragil/é uma bruxa, só conto de fadas,conto de fadas/ fazendo a tola,é abil, agil/ naquele modo insuspeitavel (muah)/ oh, meu Deus, sim). Achille Lauro é acusado de comparar o Deus cristão a uma bruxa, um conto de fadas, algo fantasioso e uma figura bipolar. Tal interpretação vem reforçada nas escolhas visuais do cantor durante a apresentação se fantasiando como São Francisco de Assis, padroeiro da Itália.

Em 2021, Måneskin se tornou a primeira banda de rock a vencer o Festival, o texto traduz a juventude, explora palavras de baixo calão como “i coglioni ”( culhões) e “spacciatori (traficantes). O cantar é agressivo e polêmico, os cantores da geração Z vivem como desejam “Quindi scusa mamma se sto sempre fuori ma/ Sono fuori di testa ma diverso do loro” (Então desculpa mãe se estou sempre fora mas/ Estou fora de mim, mas diferente dos outros.). Tal postura difere da diferente da de 1966 da canção “Non ho l'età”, mesmo que exista respeito pelos pais a geração da banda Måneskin é mais autônoma nas suas ações. Outro ponto interessante é a relação dos jovens com a religião representando através do texto o crescimento do ateísmo na sociedade italiana: “scritto sopra una lapide,/ in casa mia non c'è Dio” (escrito sobre uma lápide/ em minha casa não há Deus.)

A linguagem de baixo calão foi censurada na apresentação da banda no Festival da Canção, o Eurovision. O texto crítico, figurino provocativo e a apresentação energética resultaram em acusações de que o cantor fizesse uso de substancias ilícitas durante o evento europeu. A notícia foi divulgada por jornais pelo mundo e a acusação foi desmentida através do teste de detecção de drogas ao qual o cantor se submeteu.

“O cantor Damiano David, estrela do grupo de rock italiano Maneskin, que venceu o Festival da Canção de Eurovision realizado em Rotterdam, será submetido a um teste voluntário antidrogas depois de negar as acusações de que estava inalando cocaína durante a transmissão, disseram os organizadores neste domingo (23).”

Cantor de grupo vencedor do Eurovision fará teste de detecção de drogas após acusações.G1.24, maio, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/05/24/cantor-do-grupo-vencedor-do-eurovision-fara-teste-de-deteccao-de-drogas-apos-acusacoes.ghtml>>

A última edição do Festival analisada neste trabalho é a de 2022, a vitória de Mahmood e Blanco revolucionaria pela temática do relacionamento entre dois homens. Segundo os autores

a mensagem é a da liberdade de todas as possibilidades de amar. O medo do erro “e ti vorrei amare, ma sbaglio sempre” (e queria te amar, mas erro sempre). Outro ponto recorrente nas novas canções do Festival a presença de palavras de baixo calão como no verso “Ma scusa se poi mando tutto a puttane” (mas me desculpe se então mando tudo para o inferno.)

O cantor e compositor Mahmmod destaca que a canção representaria os estágios do amor. A visão romântica idealizada que inicia a canção: “Ho sognato di volare con te / Su una bici di diamanti”( Sonhei voar com você/ em uma bicicleta de diamantes) contrasta com a visão realística e carnal da paixão: “Tu, che sporchi il letto di vino/ Tu, che mi mordi la pelle”(você, que suja a cama de vinho/ você, que me morde a pele).

O Festival de Sanremo narra a história da língua e cultura italiana com suas célebres canções. Os textos refletem pensamentos e costumes da sociedade italiana ao longo das últimas sete décadas. Nos anos cinquenta o evento tinha como objetivo difundir o Bel Canto e a língua italiana standard pela península. Para tal feito explorava vocábulos do cotidiano como temas religiosos e o passado idealizado, canções que conquistavam a sociedade que tentava se reestabelecer pós-segunda guerra. Os anos sessenta, por sua vez, foram marcados pela rebeldia da juventude que vivia o auge do desenvolvimento econômico ganhando cada vez mais relevância e protagonismo. Os anos 70 e 80 espelham a industrialização e globalização, cantores e compositores de diferentes grupos social ganham espaço no Festival e se inspiravam em famosos ritmos estrangeiros. As canções narram os problemas da industrialização, o distanciamento moral e cultural entre o Norte e o Sul da península, a vida nas periferias e o turbilhão de sentimentos da juventude que não vive mais o ápice do desenvolvimento.

Nas décadas de 2010 e 2020, o Festival se propõe a conciliar a tradição e modernidade. Novos talentos como Mahmood e Måneskin ganham reconhecimento e cantores consagrados como Gianni Morandi, Orietta Berti e Luca Barbarossa podem ao retornar ao palco de Sanremo divulgar suas canções para um novo público. As canções da nova fase do Festival incorporam estrangeirismos e gírias juvenis, com maior liberdade os compositores exploram temas sensíveis discutindo os novos rumos da sociedade italiana.

#### 4. Conclusão

Os anos iniciais do Festival (1951-1957) tinham como intuito o estabelecimento linguístico do italiano standard e moralização da sociedade. O período é conhecido como era do Bel Canto, priorizando canções tradicionais escritas em registro alto, representa e ajuda a difundir valores burgueses. As temáticas mais recorrentes abrangem a melancolia e valores morais do catolicismo, que prepararam o ouvinte para as rápidas mudanças que ocorreriam na década de sessenta. As canções da primeira década foram marcadas por linguagem áulica fruto de compositores pertencentes à camada burguesa, que motivos morais utilizavam símbolos religiosos como artifício de identificação.

O projeto Sanremo é vitorioso na união da península especialmente durante os anos do boom econômico (1958-1963). O evento promovido pela RAI foi capaz de reunir diferentes gerações diante dos aparelhos de rádio e televisão. As canções narravam a sede por liberdade e rapidez da vida, a natureza presente nas canções de Modugno abriram espaço para a industrialização e urbanização citadas por Adriano Celentano. Após mudanças frenéticas, os textos passaram a ilustrar incerteza do futuro: nas perguntas feitas às ciganas como na canção “Zingara”. Outra parte da população permanecia mais ligada a tradição como apresentado na canção “Non ho l’età”. Nos anos sessenta a oposição entre os ideais burgueses e operário apareceria na canção de Celentano em “Chi non lavora non fa l’amore”.

A canção vencedora de 1958, “Nel blu dipinto di blu”, se tornou um símbolo cultural italiano e foi capaz de projetar mundialmente o Bel Paese. A leveza da canção com linguagem cotidiana acessível deixa de lado o elitismo das primeiras edições. O espírito alegre de Modugno instiga o ouvinte a voltar a sonhar, abandonando ao passado a tristeza da guerra e se reconectando com a herança teatral dos espetáculos musicais.

Entre os anos 70 e 2000, o programa enfrenta estagnação deixando de ser atrativo para grande parte do público. O desenvolvimento econômico italiano permite o aumento do consumo de produtos e produções estrangeiras o que impacta inclusive a autenticidade das produções musicais apresentadas no Festival. A população tem maior acesso a artistas estrangeiros e prefere acompanhar apresentações ao vivo a seguir a transmissão televisiva. As canções desse período não apresentam inovações textuais, mas temáticas, maior liberdade sexual e temas como drogas se tornam parte do Festival.

Com o advento da internet e a presença de artistas com origens diferentes, os jovens voltam a acompanhar o Festival. A presença de jovens com postura crítica à hipocrisia da sociedade, de diferentes origens socioeconômicas levanta novas pautas nos textos e nos discursos. Contemporaneamente se põe em pauta a definição do que seria o veredeiro italiano incluindo filhos de casais birraciais, figuras subversivas e reconhecendo a diversidade cultural e linguística do país.

A vitória de jovens como Mahmood e Måneskin muda os rumos do Festival, representadas pelas suas aparências e escolhas artísticas que trazem para o debate nacional as novas identidades italianas. Famílias matriarcais, miscigenação, realidade periférica, informalidade, a relação com a religião e palavras estrangeiras preenchem as composições contemporâneas.

Com o presente trabalho verificamos as mudanças na sociedade italiana, nos costumes e principalmente na língua. A língua italiana contemporânea é uma língua globalizada, mais moderna, menos formal, com maior liberdade de expressão.

Com essas reflexões, não se pretende esgotar o assunto aqui. Outras leituras e novas abordagens podem e devem ser feitas, especialmente utilizando outros exemplos de canções capazes de representar outros aspectos da cultura italiana.

## 5. Referencias

BERRUTO, Gaetano. **Sociolinguistica dell'italiano contemporaneo**. Roma: Carocci, 1987. Disponível em:

<[https://www.pandoracampus.it/doi/10.978.8843/070220/5\\_sottotitoletto\\_74](https://www.pandoracampus.it/doi/10.978.8843/070220/5_sottotitoletto_74)>. Acesso em: 12 dez. 2022.

CAMPUS, Leonardo. **Non solo canzonette**. Primeira edição. Milano: Mondari Education, 2015.

COVERI, Lorenzo. L'italiano e le canzoni. 2012. Disponível em:

<<https://accademiadellacrusca.it/it/contenuti/litaliano-e-le-canzone/20>>. Acesso em: 8 fev. 2023.

GIANNOTTI, Marcello. **L'enciclopedia di Sanremo: 55 anni di storia del festival dalla A alla Z**. [s.l.]: Gremese Editore, 2005.

GOMES, Vitor. *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*. p. 9, .

GRAZIOLI, Cesare. 1958. All'inizio del "miracolo economico", due terremoti musicali - *Novecento.org*. n. n.8, agosto 2017, 2017. Disponível em:

<<http://www.novecento.org/dossier/italia-didattica/1958-allinizio-del-miracolo-economico-due-terremoti-musicali/>>. Acesso em: 20 set. 2022.

RANISIO, Gianfranca. Il Festival, la città e il "senso del luogo". p. 16, .

Cantor de grupo vencedor do Eurovision fará teste de detecção de drogas após acusações. **G1**, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/05/24/cantor-do-grupo-vencedor-do-eurovision-fara-teste-de-deteccao-de-drogas-apos-acusacoes.ghtml>>. Acesso em: 8 fev. 2023.

Festival di Sanremo: i cambiamenti edizione dopo edizione. Disponível em:

<<https://www.sanremoliveandlove.it/festival-di-sanremo-i-cambiamenti-edizione-dopo-edizione/>>. Acesso em: 19 set. 2022.

**I verbi | Accademia Romanesca**. Disponível em:

<<http://www.accademiaromanesca.it/node/235>>. Acesso em: 12 jan. 2023.

**La storia del Festival di Sanremo**. Focus.it. Disponível em:

<<https://www.focus.it/cultura/storia/festival-sanremo-storia>>. Acesso em: 29 ago. 2022.



**O disco italiano esquecido de Chico Buarque.** G1. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/07/02/o-disco-italiano-esquecido-de-chico-buarque.ghtml>>. Acesso em: 15 maio 2022.

**Sanremo | Storia | Rai Cultura.** Disponível em:

<<https://www.raicultura.it/storia/foto/2020/01/Sanremo-86825077-9549-445f-b48e-e66ac0d90835.html>>. Acesso em: 30 ago. 2022.

**Sanremo - Storia.** Rai Cultura. Disponível em:

<<https://www.raicultura.it/storia/foto/2020/01/Sanremo-86825077-9549-445f-b48e-e66ac0d90835.html>>. Acesso em: 30 ago. 2022.

**Sanremo, i vincitori.** RaiPlay. Disponível em:

<<https://www.raiplay.it/programmi/sanremoivincitori>>. Acesso em: 29 nov. 2022.

**Sanremo per tutti, la storia del Festival | 1951.** [s.l.: s.n.], 2020. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=Q1AQEJOdjT8>>. Acesso em: 29 ago. 2022.

**Sanremo sdogana le canzoni in dialetto - Corriere della Sera.** Disponível em:

<[https://www.corriere.it/spettacoli/09\\_novembre\\_14/sanremo\\_ad42923a-d0e7-11de-a0b4-00144f02aabc.shtml](https://www.corriere.it/spettacoli/09_novembre_14/sanremo_ad42923a-d0e7-11de-a0b4-00144f02aabc.shtml)>. Acesso em: 6 dez. 2022.